

---

## Introdução

# Os salvadores espaciais que saíram da Guerra Fria

**O** avanço tecnológico gerou, na segunda metade do século XX, um messianismo espacial ou profetismo galáctico, que o psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) considerava compreensivo diante da *“perda de fé e do abandono da dimensão sobrenatural”*. Aparelhos, luzes e brilhos que riscavam os céus, em aparições isoladas e misteriosas, foram desde logo tomadas pelos meios de comunicação de massa como algo externo a nossa realidade, como “sinais” ou “avisos” de uma supercivilização tecnológica extraterrena, cuja existência, na ausência de qualquer prova material definitiva, só podia ser apreendida por um juízo de fé: acreditava-se ou não. Logo se definiu a prevalência de determinados sistemas de crenças, articulados às categorias históricas, culturais e sociais atinentes.

A tendência manifestada pela maioria das pessoas foi a de preferir a certeza à dúvida, identificando os UFOs com naves espaciais de capacidades insuperáveis. Se era impossível à lógica e à razão convencionais explicar o seu funcionamento, era desde logo tentador assimilá-los a um engenho espacial fatalmente mágico, pertencente ao universo sobrenatural. O consenso em torno desses conceitos, aliado a propensão de implicar a fatos extraordinários noções pré-concebidas, gerou o componente mítico do Fenômeno. Porém, ao invés dos mitos clássicos, distantes e encobertos pela névoa do tempo, temos a oportunidade de lidar com um dos poucos mitos vivos, atual, contemporâneo, em pleno curso de sua elaboração narrativa.

O arcabouço da chamada Civilização Ocidental, urbana e industrializada, fortemente motivada pelas perspectivas de exploração e conquista do espaço, contribuiu sobremaneira para projetar os cenários inconscientes da “invasão alienígena”. O fascínio que o céu sempre exerceu sobre a mente humana foi um dos fatores preponderantes da ampliação do conhecimento e desenvolvimento científicos. O impulso em decifrar as razões de nossa própria existência galgou-nos ao Sistema Solar, às estrelas e às regiões distantes do cosmos. Em consequência, a figura do extraterrestre tornou-se uma das imagens mais poderosas da sociedade contemporânea, de modo a alimentar expectativas de que ele estivesse presente, assumindo a forma de um tipo ariano, loiro, alto, ou de um humanóide atarracado com olhos grandes e escuros. O fato é que o extraterrestre nunca deixou de apresentar algum aspecto que o ligasse a nós mesmos. Cruzando as descrições, chegaremos a uma tipologia que pouco difere dos apanágios que comumente atribuímos ao “Outro”, a quem se transfere as incumbências que poucos gostariam de suportar.

Os crentes apreçoam que inteligências vindas de algum lugar “lá fora” já visitaram e continuam visitando nosso orbe – como atestariam as “provas” recolhidas pelos ufólogos, e, com a conivência dos governos, estão ajudando ou ameaçando a espécie humana. Por sua vez, os céticos pensam que continuamos na Terra, separados e não afetados, e que a única saída é procurar de modo passivo sinais distantes, enviados através da vastidão intransponível do espaço.

Todavia, o aspecto principal a considerar neste trabalho, é a extrema credulidade de grande parte da sociedade. Nas últimas décadas entrevistamos centenas de pessoas – desde simples testemunhas a contatados e abduzidos – checamos locais de aparições *in loco*, visitamos grupos ufológicos das mais diversas tendências, assistimos a operações mediúnicas, canalizações e até tomamos parte de cultos místico-religiosos, sempre na condição de observador-participante. Constatamos que em todos esses lugares e situações, praticamente não há espaço para a dúvida. Ninguém está livre para manifestar-se, dizendo: “*Isso não pode ser*”, porque correrá o risco de ser convidado a retirar-se ou até mesmo agredido pelos sequazes.

A nós, coube a árdua tarefa de compreender e analisar essa nova crendice popular. Árdua porque sabemos que a grande maioria acredita no sobrenatural. Acredita porque precisa acreditar. Se antes da era industrial o imaginário era povoado por anjos e fadas, bruxas e demônios, os cidadãos da modernidade – que carregam as mesmas raízes constitutivas e filogenéticas – também precisam crer na sobrevivência da alma, ressurreição dos mortos, nos profetas, taumaturgos, milagreiros e em extraterrestres. Trata-se de vestir, com roupagens hodiernas, os fantasmas dos tempos passados: sereias que encantavam os navegantes, monstros marinhos que naufragavam embarcações,

fantasmas de castelos medievais, górgonas, eríneas, lobisomens e vampiros. De modo a atender aos anseios de uma era técnico-científica, da astronáutica e da bomba atômica, da velocidade supersônica e da televisão, só mesmo discos voadores e extraterrestres.

Para a grande maioria, o mundo ainda é regido por agentes sobrenaturais, ou seja, por seres divinos que atuam motivados por razões idênticas ao dela própria, e que, como tal, são passíveis de serem acionados com apelos de piedade e bem-aventurança. Testifica-se, portanto, uma condenação declarada à ciência, não propriamente da ciência saber, mas da ciência certeza, instauradora, objetiva, parcial e incompleta. De qualquer forma, da ciência conjunto, sistematicamente organizada em torno de proposições tidas como evidentes ou exatas. Paradoxalmente, da mesma ciência que cria os fantasmas que alimentam as ilusões dos que se voltam contra ela. Este é o mais notável dos paradoxos: os UFOs alimentam uma verdadeira indústria da investigação acerca da comprovação de sua própria existência.

Apesar do interesse massivo por visões de UFOs, poucas tentativas foram feitas para definir o Fenômeno em si. Ocorre que, na opinião dos crentes, elas são desnecessárias, uma vez que se aferraram à certeza de que UFOs são discos voadores extraterrestres. O ponto chave está encadeado à sua complexidade, à maneira como se corresponde com outras áreas, se associa, se imbrica de narrativa para narrativa, interligando cada parte ao conjunto e o conjunto ao menor dos fragmentos.

É preciso lembrar que a matéria-prima para o estudo do Fenômeno não são os próprios UFOs, mas os relatórios sobre os mesmos, os quais incluem as circunstâncias que envolvem cada caso. As narrativas não devem ser lidas como reflexos literais do que se passou, e sim como versões subjetivas que remetem a uma estrutura referencial. O Fenômeno atua como uma espécie de transformador da realidade, infundindo situações simbólicas que vão se tornando indistinguíveis dessa realidade. O início se dá geralmente por uma série hipnótica de luzes coloridas piscando ou de tremenda intensidade, induzindo as testemunhas a um estado de profunda confusão mental, deixando-os vulneráveis à inserção de novos pensamentos e concepções. Os eventos paranormais recobrem um cenário uniforme e instalam a diferença, algo que não está acessível *a priori*.

Mas até que ponto nos é outorgado conhecer o real? O que é a realidade e como a percebemos? A maior parte do que julgamos ser real não passa, na verdade, de interpretações errôneas, de enganos da mente e dos sentidos. A assunção é condicionada por práticas culturais e disposições mentais prévias, em que interfere diretamente o ponto de vista do espectador. O real existe somente para um olhar humano e com relação a ele. As diferentes formas de pensar – não apenas o que as pessoas pensam mas como pensam – confere-lhe valores e significados. Não raro, essa assertiva foi colocada no centro dos esforços empreendidos da compreensão do universo e principalmente da

compreensão de nós mesmos dentro desse universo. Reunimos e comparamos entre si as situações históricas e sociais em que foram formuladas, bem como analisamos as respostas obtidas em diversas épocas, especialmente a nossa. Sejam quais forem as diretivas, elas continuam a encerrar, a todo o momento, um caráter inquietante.

As melhores vias de acesso para decifrar os aspectos incompreensíveis de uma cultura, na aceção dos antropólogos, podem ser aquelas que parecem mais obscuras. Diante da dificuldade de entender algo particularmente importante para os nativos de uma sociedade, resta a possibilidade de captar, a partir de fatos inusitados, seu sistema de vida. O Fenômeno UFO, e mais particularmente os contatados, representam justamente uma das características mais significativas do século XX: a coexistência entre o pensamento científico e racional e o pensamento mágico. Razão e imaginação não são necessariamente antitéticos. A própria ciência foi levada a reconsiderar a dimensão sobrenatural, a buscar um novo sentido para a transcendência. Dessa abertura surgiram as forças que propiciaram o retorno do pensamento mágico. O imaginário, o fabuloso, o onírico e o inusitado deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira para serem tratados como portas que se abrem para outras dimensões.

Esperanças e promessas de salvação e redenção sempre acalentaram a alma humana, mormente nos momentos agudos de crise e desespero em que a aparente insolubilidade dos problemas de ordem material e espiritual soa como prenúncio precoce de um fim histórico que só seria evitado por força e evocação de uma intervenção divina e sobrenatural advinda de algum lugar impreciso do céu.

O estado de predisposição das massas, profundamente angustiadas com os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial – a mais destrutiva da história e que culminou com a explosão de duas bombas atômicas, arma de feições e proporções apocalípticas – e com o advento da Guerra Fria – estimulando a espionagem e a corrida nuclear armamentista –, explica em parte porque os extraterrestres passaram a representar como que a última esperança em um mundo à beira de seus estertores.

## **A paranóia anticomunista nas telas do cinema**

A Guerra Fria definiu seus contornos geopolíticos em 1949. A parte oriental da Alemanha reclama a sua autonomia e se proclama República Democrática Alemã em 07 de outubro, dividindo o país ao meio. De posse do segredo da bomba atômica, a União Soviética explode o seu primeiro artefato em 14 de julho. Em resposta ao Plano Marshall, o governo soviético cria o Conselho de Assistência Econômica Mútua (Comecon), que visa a prestação de assistência econômica aos aliados no Leste Europeu e eventualmente de outras partes do mundo. A União Soviética vivia um clima

de intenso ufanismo. Lançando-se na dianteira da corrida espacial, área estratégica da Guerra Fria, a população devia ser convencida da superioridade ante o inimigo capitalista. Demandava-se intensa propaganda estatal, repleta de apologias ao regime.

O Ocidente agia preventivamente. A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) surge de um acordo assinado em Washington em 04 de abril. Além dos integrantes do Pacto ou Tratado de Bruxelas, firmado em 17 de março de 1948 entre a França, Reino Unido, Bélgica, Holanda e Luxemburgo, a OTAN teve como signatários os Estados Unidos, Canadá, Dinamarca, Islândia, Itália, Noruega e Portugal. A Grécia e a Turquia passaram a integrá-la em 1952, e a República Federal Alemã em 1955. A tensão entre o Ocidente e o Oriente conferiu à OTAN um caráter quase que exclusivamente militar. O comando geral de suas forças estava sediado em Paris. Da Turquia à Noruega, a União Soviética instalou uma rede de bases militares e de mísseis, formando um cinturão defensivo em torno de suas áreas de influência da Europa.

Esse foi o período em que o medo norte-americano de uma desintegração ou revolução social nas partes não soviéticas da Eurásia não se afigurava fantástico. Afinal, em 01 de outubro de 1949, os comunistas liderados por Mao Tsé-tung assumiram o poder na China, proclamando-a República Popular. E não apenas mergulharam na Guerra da Coreia como se dispunham – ao contrário dos demais países – a enfrentar um holocausto nuclear e sobreviver.

A edição de dezembro de 1949 da revista popular de aventuras *True* saiu à frente das outras com a versão de que os UFOs se originavam do espaço exterior. O artigo *Os Discos Voadores São Reais*, era assinado pelo major Donald E. Keyhoe (1897-1988), formado pela Academia Naval, veterano da Segunda Guerra, piloto de aviões, oficial aposentado da Marinha, e agora repórter *free-lance*. Logo no parágrafo inicial, Keyhoe adiantava que, após oito meses de intensas pesquisas, concluíra que a Terra vinha sendo escrutinada por seres alienígenas. Sem oferecer provas, detinha-se em dados recolhidos pela Força Aérea dos Estados Unidos [*United States Air Force, USAF*] que, segundo ele, encobria a verdade temendo semear o pânico <sup>1</sup>.

O histerismo anticomunista, remanescente da época entre guerras, adquiriu grandes proporções na última metade da administração Truman (1945-1953) e persistiu durante a metade inicial do primeiro mandato de Eisenhower (1953-1961). Com a Guerra Fria no apogeu, qualquer esboço de crítica ao funcionamento da sociedade norte-americana era facilmente confundido com antipatriotismo. Em 1948, o senador por Wisconsin Joseph Raymond McCarthy (1909-1957) e sua Comissão de Atividades Anti-Americanas, passaram a ver a ameaça comunista em toda parte, conduzindo uma série de investigações e interrogatórios em busca de espões nos Estados Unidos. Poucos homens públicos ousaram desafia-los.

No início de 1954, pesquisas de opinião mostravam que 50% da população aprovava McCarthy <sup>2</sup>. Logo em seguida houve uma confrontação real, na Guerra da Coreia. O termo macartismo virou sinônimo de “caça às bruxas” e “perseguição de inocentes”, mas com a divulgação em 11 de julho de 1995 pelo Birô Federal de Investigações [*Federal Bureau of Investigations, FBI*] das decodificações de telegramas passados pelo Serviço Secreto Soviético, o Comitê para Segurança do Estado [*Komitet Gosudartsvennoi Besorpassnosti, KGB*], a seus agentes nos Estados Unidos, por eles se constatou que não apenas os 57 acusados por McCarthy, com exceção de um, eram espíões soviéticos, como havia outros 300. “Na condução do senador”, pondera o filósofo Olavo de Carvalho, “podem ser apontadas ressalvas, mas, no geral, ele disse a verdade”.

Hollywood definiu e demarcou o seu lado e se lançou à arte da propaganda, metaforizando o perigo vermelho. Dois fatores básicos contribuíram para que isso acontecesse: a tecnologia necessária à materialização das fantasias dos criadores e a argúcia destes para transformar as ameaças do dia em metáforas engenhosas, tais como eram captadas pelo inconsciente coletivo norte-americano. Palco de revoluções estéticas como o expressionismo, o cubismo, o abstracionismo e o surrealismo nas artes plásticas, e a politonalidade e a dodecafonía na música, o século XX consubstanciaria no cinema, a sétima arte, a integração de todas as artes, tornando-as acessíveis às grandes massas.

Em 1902, sete anos depois da histórica primeira sessão dos irmãos Jean Louis (1864-1948) e Auguste Marie Louis Nicholas Lumière (1862-1953), o prestidigitador e caricaturista francês George Méliès (1861-1938) marcaria o verdadeiro início do cinema como espetáculo com sua *Viagem à Lua* [*Le Voyage dans la Lune*], baseado no livro de Júlio Verne. Mas não foi fácil convencer os irmãos – e os irmãos deles – a vender-lhes os direitos de utilização do cinematógrafo. Conta a lenda que o velho Antoine Lumière, pai de Louis e Auguste, tentou dissuadi-lo, dizendo que o cinematógrafo era um invento sem futuro. Méliès foi obrigado a negociar os direitos com o pioneiro inglês que também desenvolveu o seu modelo para fabricação e projeção de imagens em movimento.

Seja como for, é com Méliès que surgem os primeiros seres do espaço numa tela de cinema. O foguete de Méliès – uma indistintável produção de fundo de quintal – desce numa lua com cara humana, furando o seu olho. Em seguida, surgem os habitantes da Lua, um bando de selenitas. *Viagem à Lua* já trazia cristalizadas duas constantes do cinema de ficção científica: sua proximidade com a literatura e a capacidade de prever e questionar conquistas ou situações futuras <sup>3</sup>.

O caráter questionador do gênero ficou patente em 1926, quando o alemão Fritz Lang realizou *Metropolis*, uma antevisão alegórica da sociedade industrial sob controle totalitário. Trabalhadores de um grande centro urbano no século XXI vivem nos subterrâneos e

veneram como santa uma garota chamada Maria. Um cientista cria em laboratório um clone de Maria, que incita os trabalhadores contra os patrões, antes tranqüilos nos paradisíacos jardins de Yoshiwara. O grande charme desse filme sombrio e aterrador é o cenário futurista criado por Otto Hunte, Erich Kettelhut e Karl Vollbrecht, e fotografado por dois mestres, Karl Freund e Günther Rittau. O roteiro foi escrito pelo próprio Lang e por sua então esposa, Thea von Harbou, também autora da história original e simpatizante do nazismo. Lang não gostou da solução conciliatória para a luta de classes, por isso chegou a dizer que o final era “falso”. O filme passou à cinematografia como um representante legítimo do expressionismo alemão e um clássico do cinema fantástico mundial.

A engenhosa ambigüidade do filme fez com que os nazistas o interpretassem à sua conveniência. Tanto que Hitler até convocou seu diretor para traçar as linhas gerais do cinema nazista. Lang, porém, preferiu o exílio e, com boa parte de seus colegas, instalou-se nos Estados Unidos – país que acabaria por fazer dos filmes de ficção científica quase que um gênero tipicamente nacional.

A xenofobia interestelar se manifesta já em 1920, quando Emil Jannings interpreta um perigoso conquistador espacial em *Algol*, do alemão Hans Werkemeister. Em 1934, os discos eram um “parafuso giroscópico espacial” na aventura em quadrinhos de Flash Gordon, escrita e desenhada por Alex Raymond. Flash Gordon passou a segunda metade dos anos 30 derrotando o terrível imperador Ming – que encarnava as figuras de Hitler e Mussolini –, de Mongo, na série da Universal. O genial Orson Welles infundiu o pânico e a paranóia em 1938, ao radiofonizar a novela *A Guerra dos Mundos* [*The War of the Worlds*], de H. G. Wells. Essa sua passagem revolucionária pelo rádio-teatro serviu de passaporte para o contrato que assinou com a RKO.

Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, os temíveis invasores do espaço não vinham de outro lugar senão das trincheiras das frentes de batalha do Velho Mundo, da Europa. Em 1946, disco voador ainda era disco nos Estados Unidos, como atesta o título original do primeiro filme sobre o tema: *Flying Disc Man from Mars*, dirigido por F. Brannon, seriado da Republic exibido no Brasil com o título de *O Mistério do Disco Voador*. Um ano depois, os jornais começaram a falar em *flying saucer* e o novo termo foi incorporado.

Os filmes de ficção científica da década de 50, em sua quase totalidade produções do tipo B, valeram-se dos relatos dos contatados e apontaram os seus próprios caminhos. O gênero vivia seu auge, com monstros espaciais e invasões interplanetárias – de Marte, principalmente, com sua sugestiva cor avermelhada – alertando subliminarmente para o perigo de uma invasão comunista. Ponto culminante: *O Planeta Vermelho* [*Red Planet Mars*], de 1952, fantástica contribuição de Harry Horner à Guerra Fria, derivante de *O Dia em que a Terra Parou* [*The Day the Earth Stood Still*], parábola progressista e

pacifista filmada um ano antes, quando Howard Hawks produziu e Christian Nyby dirigiu *O Monstro do Ártico* [*The Thing*], uma das inúmeras versões em que uma “coisa” cai do céu no Pólo Ártico. Dentro havia outra coisa, uma espécie de múmia cósmica congelada, flagelo de um famigerado pouso de disco voador na Terra.

“Eles” viriam de Marte novamente em 1953, desta vez para calcinar a Terra, numa caprichada adaptação do clássico *A Guerra dos Mundos*, que Byron Haskin dirigiu para o produtor George Pal, transpondo a ação de Londres, palco da novela de Wells, à Califórnia. As naves marcianas, imaginadas por Wells como insetos blindados com pés articulados, viraram máquinas voadoras. Os marcianos que só aparecem de relance no desfecho, com suas mãos de três dedos, representam o perigo vermelho que o senador Joseph McCarthy procurava exorcizar. Só um elemento foi capaz de destruí-los: as bactérias terrestres. O filme fazia, assim, uma cínica defesa da guerra bacteriológica na Coreia.

Do maléfico planeta vieram, em 1954, os indesejáveis visitantes de *Invasão de Marte* [*Invaders from Mars*], de William Cameron Menzies. Pareciam conhecer o mapa da mina, pois preferiam sempre os Estados Unidos. No mesmo ano, causaram mais estragos em Washington do que os romanos em Cartago. Em *Terra Contra os Discos Voadores* [*Earth Vs. Flying Saucers*], dirigido por Fred F. Sears, roteirizado por George Worthing Yates e Raymond T. Marcus, com argumento de Curt Siodmak, que se inspirou no livro *Flying Saucers from Outer Space* [*Publicado no Brasil sob o título A Verdade sobre os Discos Voadores, Global, 1977*], do major Donald E. Keyhoe, alienígenas camaradas resolvem fazer uma visita aos terráqueos. Enviaem várias mensagens avisando de sua chegada, mas os cientistas não conseguem decodificar o aviso. Os discos voadores pousam em Washington e são recepcionados com uma chuva de chumbo. É o início da guerra interplanetária.

Apesar de superiores em quase tudo, recorriam ocasionalmente aos nossos préstimos, como se viu em *Veio do Espaço* [*It Came from Outer Space*] e *Guerra entre Planetas* [*This Island Earth*], por sinal a primeira *space-opera* do pós-guerra, dirigido por Joseph Newman em 1954, baseado num romance de Raymond F. Jones. O destaque xenófobo do período fica para os vegetais de *Vampiros de Almas* [*Invasion of the Body Snatchers*], dirigido por Don Siegel em 1956, baseado no livro homônimo de Jack Finney, escrito no ano anterior<sup>4</sup>. A primeira coisa dita no filme é um clichê do gênero: “*A primeira vista, tudo parecia normal*”. Quem fala é o narrador e protagonista principal da história, o médico Miles Bennell. Mas “*algo tomará conta da cidade*”, igual a tantas outras erguidas ao longo do Caminho Real californiano.

No filme, uma coisa terrível, disfarçada de planta, vinda não se sabe de onde, se apossa das pessoas, assumindo sua forma física para mais facilmente dominar as demais.



O verdadeiro objeto de sua expiação é o totalitarismo. Com a Guerra Fria a pleno vapor e as feridas abertas pelo macartismo ainda sangrando, o arrepiante *thriller* de Siegel foi interpretado por uns como uma parábola anticomunista, e por outros como uma parábola antimacarthista. Na versão de Siegel e do roteirista Daniel Mainwaring, a segunda hipótese era a mais plausível. Philip Kauffman refilmou a versão em 1978<sup>5</sup>.

Naquele que é considerado o pior filme de todos os tempos, *Plano 9 do Espaço Sideral* [*Plan 9 from Outer Space*], também conhecido como *Ladrões Espaciais de Túmulos* [*Grave Robbers from Outer Space*], dirigido em 1959 pelo folclórico produtor e diretor de filmes classe B de terror e ficção científica Edward Davis Wood Jr. (1924-1978), alienígenas decidem conquistar a Terra, ressuscitando cadáveres para formar um exército. Usando a mesma técnica de colagem que empregou em *Glen* ou *Glenda*, Wood realizou um clássico no que compete a erros de continuidade, desencontros narrativos, desfile de canastrões, precariedade de recursos, efeitos especiais grosseiros – os discos voadores são pratinhos de alumínio pendurados por fios nitidamente visíveis – e tipos físicos que entraram para o imaginário coletivo, como as figuras de Vampira e Tor Johnson.

O diretor Robert Wise rodou em 1951 – um ano antes de Adamski despontar como o primeiro contatado da era moderna e de Dino Kraspedon [*Pseudônimo de Aladino Félix*] viver seu primeiro encontro com o comandante espacial – o clássico que talvez mais influenciou a estrutura dos relatos ufológicos: *O Dia em que a Terra Parou*. Um disco voador aterrissa em Washington trazendo a bordo Klaatu, um emissário de compleição física idêntica à humana e imbuído do objetivo de prevenir os líderes políticos e militares de que se continuassem insistindo no uso de armas nucleares – o que poderia futuramente afetar outros planetas – teria de necessariamente destruir a Terra.

Auxiliado por Gort, um implacável robô programado para desintegrar toda fonte de violência, Klaatu tenta transmitir o seu aviso, mas é tratado com um misto de desdém e hostilidade. A única forma que ele encontra de impressionar a humanidade é por meio de um efeito de choque: durante meia hora neutraliza a eletricidade em todo o mundo. Depois disso é descoberto, perseguido e morto. Mas Gort consegue ressuscitá-lo a fim de que possa, finalmente, anunciar sua mensagem antibelicista.

O filme foi um marco, pois pela primeira vez um ser extraterrestre não era apresentado nas telas como uma ameaça à vida na Terra, e sim como conselheiro pacifista. Os pontos altos são os efeitos especiais, excelentes para a época, a fotografia em preto e branco de Leo Tover, que procura realçar os contrastes de luz e sombra, tal como nos filmes expressionistas alemães, e os diálogos, com frases brilhantes de Klaatu, a exemplo desta: “*Minha missão não é resolver seus mesquinhos problemas de política internacional. Não falarei com nenhuma nação ou grupo de nações. Não pretendo trazer minha contribuição aos seus ciúmes e suspeitas infantis*”.

É mais do que patente o quanto a ficção se imbrica com a realidade. As imagens primordiais criadas – ou recriadas – pela literatura e pelo cinema definiram muitos dos pensamentos, sentimentos e ações dos futuros contatados, abduzidos e testemunhas. Senão vejamos. No caso de *O Dia em que a Terra Parou*, um disco voador com o típico formato discóide aterrissa numa praça. Uma porta se abre e uma rampa desliza até o chão. Um alienígena envergando um macacão prateado desce por ela. Quando a porta se fecha, não deixa entrever sinais de frestas ou emendas. Klaatu mistura-se com os membros de uma família sem ser notado. No interior do disco, o alienígena é deitado sobre uma mesa de operações. As palavras finais de Klaatu, um ultimato aos humanos, expressam a necessidade premente de acabar com as hostilidades.

Todos esses elementos passariam a partir de então a fazer parte das narrativas ufológicas. Quase todos os contatados, não por acaso, alegam serem intermediários e portadores de mensagens de alerta para que a humanidade se emende sob pena de sucumbir. Outro ponto de conexão entre as mensagens recebidas são as “revelações” relacionadas a “religiões cósmicas”, cada qual com seus dogmas, liturgias e éticas.

Parábola do uso do poder tecnológico, ou, em última instância, uma fábula filosófica das angústias que atormentam o ser humano, o clássico *O Planeta Proibido* [*Forbidden Planet*], dirigido em 1956 por Fred McLeod Wilcox, é uma das poucas exceções a contrariar a tendência escapista e ideológica. Rico em simbolismos, o filme foi buscar em *A Tempestade*, de William Shakespeare, os elementos estruturais básicos para compor seu roteiro. Na peça, uma embarcação encalha na ilha mágica onde Próspero vivia com Miranda e a criada Ariel. Aqui, a ilha mágica é o planeta Altair IV – onde, 20 anos antes, a espaçonave Belerofonte e seu grupo de cientista-exploradores haviam desaparecido sem deixar notícias. Próspero é o doutor Morbius. Miranda é Alta, sua filha, e Ariel é o sofisticado Robby, o robô mais famoso desde Maria de *Metropolis*, só equiparável em carisma ao robô da série *Perdidos no Espaço*.

O cruzador C-57/D dos Planetas Unidos chega a Altair IV com o objetivo de resgatar os sobreviventes de Belerofonte. Lá chegando, são recebidos por Morbius e sua filha – os únicos humanos vivos – e por Robby, misto de operário, tradutor e cozinheiro. Morbius explica ao comandante Adams que todos os outros cientistas morreram antes de completarem um ano de expedição, destruídos por uma força invisível e incomensurável. Somente ele e a esposa, e mais tarde a filha, eram imunes a essa ameaça, aparentemente por serem os únicos que se recusavam a voltar à Terra. Ante a insistência de Morbius para fazer com que o cruzador retorne o mais breve possível à Terra, e com a súbita morte de um oficial, nos mesmos moldes da expedição anterior, Adams inicia uma investigação que o leva

à cidade perdida dos Krell, uma civilização utópica superevoluída que existira em Altair IV num passado longínquo, e que lograra abolir a fome, a guerra, as doenças, além de desenvolver o controle do poder mental.

Nesse ponto a história cresce, e surge o Caliban de *O Planeta Proibido*, representado por um terrível monstro invisível que ameaça a tripulação do cruzador C-57/D. Na verdade, um “monstro do id”, uma projeção dos medos e ciúmes do inconsciente instintivo do doutor Morbius, que, ao sentir seu mundo e seu poder ameaçados, reage usando uma parte desconhecida da própria mente <sup>6</sup>. Agora que o mundo já tinha se acostumado com os UFOs, “*era inevitável que alguém, em algum lugar, mais cedo ou mais tarde, afirmasse ter feito contato com seres extraterrestres a bordo de discos voadores*”, asseverou o ufólogo Dennis Stacy.

No início dos anos 50 surgiram nos Estados Unidos – não por acaso a nação mais poderosa e influente do planeta – as primeiras narrativas dando conta de que de Vênus vinham homens e mulheres altas, de pele translúcida, iluminados por uma luz interior, vestindo roupas prateadas e colantes, e de Marte vinham homens morenos com roupas de borracha. Dando-se crédito a tais narrativas, quase todos os orbes do nosso sistema seriam povoados por incríveis construtores de naves espaciais.

A missão dos *space brothers* [Irmãos do espaço]: salvar o nosso mundo da ganância, da corrupção e da bomba atômica. O público, em geral bastante ingênuo, não exigia provas e ficava satisfeito com a aparente “sinceridade” dos contatados. O historiador inglês Eric Hobsbawn em seu livro *Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)*, criticou essa forma de aceitação do público, constituído por leigos que “*só podiam reagir contra seu senso de impotência buscando coisas que ‘a ciência não podia explicar’, na linha do hamletiano ‘há mais coisas entre o céu e a terra... do que sonha a tua vã filosofia’, recusando-se a acreditar que elas pudessem algum dia ser explicadas pela ‘ciência oficial’, e ansiando por acreditar no inexplicável porque parecia absurdo*”. Na acepção de Hobsbawn, “*Pelo menos num mundo desconhecido e incognoscível todos estariam igualmente impotentes. [...] Qualquer ceticismo em relação aos UFOs era atribuído ao ciúme de cientistas de mentalidade tacanha, incapazes de explicar fenômenos além de seus estreitos horizontes, talvez até mesmo a uma conspiração dos que mantinham o homem comum em servidão intelectual para ocultar-lhes um saber superior*” <sup>7</sup>.

Não se trata de coincidência, portanto, que os contatados tenham surgido exatamente naquela época, quando surgem os temores de um holocausto nuclear, temores esses que se estendem até hoje e persistem alimentando a saga dos contatados e daqueles que vieram em seu bojo, isto é, os abduzidos. O Fenômeno UFO afigura-se como uma necessidade social, um canal para aliviar os tormentos, as tensões, frustrações e angústias da humanidade.

## Perfil psicológico de contatados e abduzidos

As diferenças, algumas díspares, outras complementares, e os pontos de contato entre contatados e abduzidos, nos impele a traçar aqui os perfis psicológicos dos mesmos. Cabe ressaltar, no entanto, que não raro nos deparamos com personalidades multifacetadas e experiências polissêmicas que inviabilizam qualquer tentativa de classificação ou estereotipação. Nesse caso, vale mensurar o quanto tendem a um ou outro perfil, ou, em última instância, a um limiar, uma vez que não permitem ser encerrados em uma categoria estanque. Exemplos disso são Hermínio e Bianca Reis, Antonio Nelson Tasca, Onílson Paterno, Betty Andreasson etc. Desse modo, indicaremos os comportamentos mais típicos que os distinguem, mas sempre lembrando o quanto se ramificam e se confundem.

O fator surpresa é o elemento típico inicial apontado pelos abduzidos e testemunhas em geral. A experiência desses advém, antes de tudo, do acaso e do desconhecimento. Já o contatado alega geralmente que já vinha sentindo uma espécie de “chamado” ou “ordem” de uma entidade que se identifica e define a sua origem. Abduzidos e testemunhas se dizem “vítimas” do ataque súbito de luzes e do tratamento frio e distante por parte dos ETs. Já o contatado acha-se especial, como que “escolhido” para transmitir à humanidade uma mensagem de advertência ou salvação, invariavelmente um apelo pueril e ingênuo ao pacifismo e à fraternidade universal.

O abduzido ou testemunha divulga suas experiências com reservas – pelo menos no início –, evitando exposições públicas, como que temendo o ridículo e eventuais sanções sociais ou profissionais e violações à sua privacidade. Já o contatado age desenfreadamente, cultivando o vedetismo, fazendo apologia da superioridade dos seres cósmicos, reunindo adeptos em torno de si, fundando seitas messiânicas e grupos de cunho místico ou religioso. Demonstra habilidade empírica para atrair e gerar publicidade sobre sua experiência e pessoa.

A propósito, o historiador norte-americano David Jacobs em sua tese de doutorado *The Controversy over Unidentified Flying Objects in America [A Controvérsia sobre Objetos Voadores Não Identificados na América, 1896-1973]*, afirmou que “os contatados não temiam o ridículo e procuravam avidamente a publicidade. Baseados em suas experiências pessoais, geralmente organizavam clubes especiais de discos voadores. Alguns deles afirmavam ter viajado a bordo desses aparelhos e descreviam com requinte de detalhes o trajeto e os planetas que teriam visitado. Além disso, a maioria dos contatados informava que os homens do espaço os haviam incumbido de uma missão e, por isso, diziam eles, era necessário que se expusessem ao máximo nos meios de comunicação”.

Dos inúmeros pontos em comum entre contatados e abduzidos, um é particularmente notório, a origem: os Estados Unidos. Centro político-econômico-financeiro-

cultural-tecnológico-militar do planeta, somente essa nação protestante poderia ser também a sua sede espiritual, tanto mais se considerarmos que a religião se capitalizou. Também não é por acaso que a Ufologia ali tenha surgido, assim como as primeiras seitas que apreçoavam a chegada de extraterrestres salvadores.

Para o abduzido, os seres, na maioria das vezes – embora nem sempre, já que há uma imensa gama de tipo descritos –, são os típicos alfa-cinzentos ou *grays*, de aspecto aterrador – baixa estatura, cabeça desproporcional ao corpo, grandes olhos negros etc – e atitudes violentas. Já para os contatados são seres carismáticos, quase angelicais, com vestes longas, cabelos longos, beleza física incomum, atitudes amistosas e mensagens benfazejas. Abduzidos e testemunhas se colocam como vítimas ou meros coadjuvantes do fenômeno: sentem-se usados ou premiados por questões circunstanciais. Entendem que os extraterrestres não estão preocupados diretamente conosco, mas interessados, sobretudo, em colher dados físico-químicos do planeta, amostras da fauna e flora, material genético etc, ou seja, que encaram a Terra e os seres humanos como fonte de recursos vitais e cobaias.

Já o contatado regozija-se em apontar a si mesmo e o restante da humanidade como os alvos preferenciais da “bondade” dos ETs. Como bem definiu o jornalista e ufólogo argentino Alejandro Agostinelli, os contatados ou o contatistas são, em sua aceção mais ampla, *“escolhidos, graças aos seus dons, para serem mediadores entre a Terra e o céu”*. São considerados como estando acima dos demais homens em termos “mentais” ou “espirituais” e portanto aptos a servirem de “receptores” de mensagens transmitidas diretamente pelos próprios seres ou por meio de canalizações, telepatia ou incorporações mediúnicas <sup>8</sup>.

Essas crenças e atitudes confirmam a sobrevivência do pensamento mítico até os nossos dias, em plena sociedade tecnológica globalizada. A extrema cientificação não levou à dessacralização, mas, paradoxalmente, à ressacralização. A contraposição entre os dois tipos básicos de seres – os altos e loiros do tipo nórdico e os pequenos e repulsivos cinzentos – remete à hierarquia pagã dos demônios e à cristã dos anjos. Por mais bizarras que as afirmações dos contatados possam parecer, principalmente aos que estão acostumados às religiões tradicionais, elas refletem as dimensões sociais da crença em UFOs divinos.

O misticismo ufológico, disseminado indiscriminada e irresponsavelmente, prega que uma frota de discos voadores descerá para salvar uma parte da espécie humana do Juízo Final ou que intervirá no caso de uma guerra nuclear. Essas crenças coadunam-se tão somente com os próprios desejos humanos, inclinados a adotar deuses como salvadores de um mundo em desencanto, crise e ausência de valores morais e espirituais. É lamentável que muitos abduquem de sua inteligência

e prefiram confiar tantos poderes aos que oferecem saídas e remédios fáceis para todos os males, alguns deles arvorando-se como sendo capazes de salvar, desde que lhes paguem um preço alto, naturalmente, toda a humanidade ou aquilo que dela restar após o processo salvador.

A demanda por crenças pré-fabricadas e certezas confortadoras não deixa de ser inevitável em um mundo com tantos problemas. O que soa acintoso é que místicos, esotéricos, profetas, videntes e charlatães apropriem-se indevidamente de conceitos científicos, deles revestindo-se para enganar deliberadamente as pessoas. Isso tudo aumenta a nossa responsabilidade de manter independência crítica e retomar a luta em prol da racionalidade e dos valores humanos. Hoje, depois de tantas investidas utópicas insensatas, desastradas e desalentadoras, a humanidade está mais cônica de suas condições e do que pode acarretar certos regimes e comportamentos totalitários. Não podendo desfazer o presente, tem de construir o futuro, arduamente, dentro das condições e da situação histórica existentes.

### **Os abduzidos de hoje serão os contatados de amanhã?**

Ante a avalanche de evidências científicas em contrário, como aquelas transmitidas pelas sondas espaciais atestando serem inabitáveis os planetas do Sistema Solar, o entusiasmo do público pelos contatados começou a arrefecer. Os contatados, porém, teimavam em suas proposições esdrúxulas e quando muito relegavam a origem de seus visitantes do Sistema Solar para estrelas mais ou menos distantes daqui. Mas não era somente a procedência que ia sendo devidamente atualizada. O design e os instrumentos a bordo dos discos voadores também sofreram modificações substanciais e significativas.

Se durante os anos 50 os discos voadores tinham formatos bojudos – tais como os carros e eletrodomésticos da época, vide a geladeira, o aspirador de pó e a enceradeira – e vinham equipados com toscos painéis de controle com botões, interruptores, alavancas, monitores – iguais aos dos aparelhos de TV preto e branco – e mostradores com ponteiros tipo estabilizadores, nas décadas seguintes, como que acompanhando a evolução estético-tecnológica, assumiriam formatos mais aerodinâmicos e viriam equipados com sensores de toque, telas holográficas, laboratórios genéticos, microcomputadores etc.

Não obstante, velhos casos de contatados, aparentemente esquecidos, resurgiram no início dos anos 90 em congressos ufológicos, na imprensa e em revistas especializadas. A febre pelos venusianos ou marcianos retornava no bojo da onda nostálgica e saudosista que varria o planeta revivendo o estilo de vida dos anos

50, em especial suas músicas, roupas, carros, filmes, seriados etc. Por outro lado, enquanto se falava em abduções por horripilantes criaturas alienígenas, a questão se afigurava relativamente consolidada e mesmo os ufólogos mais ortodoxos aceitavam as narrativas sem maiores ressalvas ou objeções. O que lhes afigurava completamente inadmissível é que alguém ainda tivesse a coragem de vir a público alegando ter entrado em contato amistoso ou amigável com benevolentes pilotos de discos voadores e a convite destes, feito viagens a outros planetas.

Todas as questões que há séculos atormentam a humanidade, de repente e com tanta facilidade respondidas por uma pessoa simplória que atribui a si qualidades especiais? Doida, é a menor expressão que terá de ouvir continuamente, a cada relato. Seus próprios familiares passarão a encará-la como a peça rara, isolando-a do convívio social e considerando seriamente a possibilidade de internação. Inicialmente convicta de que vivenciara algo real, assim agirá, ainda que lhe digam que tudo não passou de alucinação. Depois de algum tempo, no entanto, é bastante provável que a própria contatada ponha seu estado psicológico em cheque, ante a tamanha reação em contrário. A confiança vai desaparecendo e a experiência sendo recalçada, confundindo-se com a lembrança de sonhos.

O que muitos se esquecem, todavia, é que as abduções surgiram no bojo dos primeiros contatados que, com suas histórias fantásticas, abriram o caminho para o transcurso de narrativas – não menos fantásticas – adaptadas às realidades insurgentes. Os abduzidos estão para o início do século XXI tal como os contatados para os anos 50 e início dos 60. Arriscamo-nos a prognosticar que os abduzidos de hoje serão considerados os contatados de amanhã.

Os ufólogos do futuro, diante de renovados desafios e paradigmas, provavelmente encararão os abduzidos de hoje tal como nós encaramos os contatados do passado: com extremo ceticismo. A ansiedade em pretender enxergar a resolução final para certos problemas antigos em eventos recentes, faz com que alimentemos a ilusão de que os valores de nossa época serão válidos amanhã, esquecendo que grande parte das concepções de ontem não encontram mais respaldo nos dias de hoje.

## **Aviso aos leitores**

Centenas de indivíduos garantiram ter entrado em contato amigável com entidades extraterrestres benevolentes. Fazer uma seleção desses “mensageiros” ou “emissários” do cosmos, inicialmente acarretou grandes dificuldades, razão pela qual decidimos optar pelos critérios de relevância histórica e originalidade, considerando a verdade como sendo nada mais do que a convicção de seus protagonistas.

Entraremos nesse estudo como num país completamente desconhecido, sem qualquer etnocentrismo, com a firme intenção de não aceitar nenhuma aproximação, nenhuma certeza que não esteja formalmente estabelecida. Certamente nossa leitura não se pretende neutra, o que soaria um tremendo contra-senso em se tratando da interpretação de um autor que encara o assunto criticamente. Nossa intenção é, modestamente, tentar obter a máxima verossimilhança dos casos retratados, da mesma forma como o fizeram outros autores, embora sob outras perspectivas. O leitor julgará de acordo com seus próprios critérios e pontos de vista.

- 
- 1 Ruppelt, Edward J. *Os Discos Voadores: Relatório sobre os Objetos Aéreos Não Identificados*, São Paulo, Editora Difel, 1959.
  - 2 Link, Arthur S. *História Moderna dos Estados Unidos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1965.
  - 3 Merten, Luiz Carlos. *Hollywood Associa Extraterrestres ao Perigo Vermelho*, in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20/08/1995.
  - 4 Finney, Jack. *Vampiros de Almas*, São Paulo, Nova Cultural, 1987.
  - 5 Augusto, Sérgio. *No Tempo em Que Até as Plantas Eram Comuns*, in *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06/09/1990.
  - 6 Lopes Jr., Oswaldo. *Planeta Proibido*, in *Cinemim*, Rio de Janeiro, maio de 1988.
  - 7 Hobsbawn, Eric. *Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
  - 8 Agostinelli, Alejandro. *Años 50 – Espíritus en Tránsito: De Los Médiums a Los Hombres Radar*, in *El Movimiento de Contactados Con Extraterrestre en la Argentina, 1952–2006*.



---

## Capítulo 01

# Higgins: protocoaso de contatismo com ETs de Urano

**A** narrativa de José C. Higgins, apenas um mês depois do início da Era Moderna dos Discos Voadores nos Estados Unidos, antecipou-se as do mesmo gênero que seriam registradas com profusão no Brasil e no mundo daí por diante. O assunto ainda não despertava atenção, que só viria com as fotos de Ed Keffel e João Martins na Barra da Tijuca em maio de 1952, e só anos mais tarde, ao ser resgatado e revisto, foi reconhecido como um dos primeiros casos de caráter marcadamente ufológico ocorridos em território nacional. Trata-se, para aplicar um termo, de um “protocoaso” clássico de contatismo, como que prenunciando ou fornecendo vários dos elementos que se tornariam típicos e seriam apropriados pelos contatados, a começar por Adamski, elementos esses já presentes nas narrativas de ficção científica desde pelo menos o início do século.

Higgins contou aos jornais da época que no dia 23 de julho de 1947 realizava trabalhos topográficos a oeste da Colônia Goio-Bang, a nordeste da cidade de Pitanga e a sudoeste de Campo Mourão, estado do Paraná. Ao atravessar um dos descampados da região, um silvo profundo, porém baixo, o fez erguer os olhos para o céu. Viu, então, *“uma estranha nave aérea circular, com rebordos absolutamente iguais aos de uma cápsula de remédio”*. Seus homens, todos caboclos simples, se assustaram e fugiram em disparada. Higgins não soube explicar o que o levou a não correr também. O estranho aparelho percorreu um círculo fechado sobre o terreno e aterrou mansamente

a uns 50 m de onde se encontrava. Era algo surpreendente, com cerca de 30 m de diâmetro e 5 m de altura, atravessado por tubos em diversas direções, seis dos quais deixavam ouvir o citado ronco, sem, entretanto, fazer fumaça. A parte que pousou no solo tinha hastes curvas, que pareciam ser feitas de um metal branco-cinza. Enquanto Higgins examinava o seu conjunto, verificou, ainda, uma parede com uma janela de vidro ou coisa semelhante.

Duas pessoas altas, com pouco mais de dois metros de altura, surgiram de repente e passaram a examinar Higgins com ar de curiosidade. Decorridos alguns segundos, uma delas voltou-se para o interior do aparelho e, ao que lhe pareceu, falou com alguém. Imediatamente, Higgins ouviu um barulho vindo do seu interior e uma porta, por baixo do rebordo, se abriu dando passagem a três pessoas, metidas dentro de uma espécie de macacão transparente que as envolvia completamente, inchado como uma câmara de ar de automóvel. Presa às costas havia uma mochila de metal, que lhe pareceu ser parte integrante da vestimenta.

Os seres tinham olhos grandes e redondos, com cílios mas sem sobrancelhas. Suas cabeças grandes e redondas não tinham cabelos nem barbas. As pernas eram compridas. O mais interessante é que pareciam irmãos gêmeos, tanto os de macacão quanto os que não usavam e que se encontravam atrás dos vidros das janelas. Um deles trazia na mão, apontado para Higgins, um pequeno tubo do mesmo metal do aparelho. Apesar do seu avantajado porte, moviam-se com incrível agilidade e leveza, formando um triângulo à volta de Higgins.

Começaram a falar entre si em um idioma que Higgins não entendia. O que empunhava o tubo fez gestos para que ele entrasse no aparelho. Obedecendo ao comando, aproximou-se da porta e viu um pequeno cubículo limitado por outra porta interior e a ponta de um cano que vinha de dentro. Notou ainda diversas janelas redondas na base da saliência ou do rebordo. Gesticulando, perguntou para aonde



Revisão O Cruzeiro

**José Higgins [Ao centro] observa atônito os estranhos desenharem anéis concêntricos no chão**

queriam levá-lo. O que lhe pareceu ser o chefe desenhou no chão um ponto redondo cercado de sete círculos. Apontando para o Sol, disse “Álamo”, e indicando-lhe o sétimo círculo, disse “Orque”. Higgins ficou mudo de espanto. Deixar a Terra, nem pensar. Diante disso, refletiu. Lutar era impossível, pois eram mais fortes no físico e estavam em maior número. Teve então uma idéia. Havia notado que eles evitavam ficar ao Sol. Assim, encaminhou-se para a sombra e, tirando do bolso a carteira, mostrou-lhes o retrato de sua esposa, dizendo-lhes que iria buscá-la.

Os seres concordaram, e nisso Higgins saiu dando graças a Deus. Escondeu-se no meio do mato, onde ficou a espreitá-los. Curiosamente, os seres brincavam como crianças, dando saltos e atirando longe pedras de tamanho descomunal. Meia hora depois, olharam os arredores e vendo que Higgins não retornava, entraram novamente no aparelho que decolou com o mesmo ronco, subindo até desaparecer nas nuvens, na direção norte. *“Teria sido um sonho? Teria sido realidade? Às vezes duvido que isso tenha realmente acontecido, pois tudo poderia não ter passado de um estranho e belo sonho”*, indagava-se Higgins<sup>1</sup>. Muito provavelmente obra de seu imaginário, num misto de alucinação, invenção e sonho, como ele próprio cogitou, a experiência de Higgins, de qualquer forma, ajudou a moldar muitas outras histórias que depois surgiram em vários pontos do globo.

---

1 *Correio do Noroeste*, Bauru (SP), 08/08/1947. Martins, João. Na *Esteira dos Discos Voadores: Seres do Espaço Descem à Terra*, in *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 13/11/1954.